

VI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIENCIAS SOCIAIS E HUMANAS
EM SAÚDE-ABRASCO 2013- UERJ- RIO DE JANEIRO

Conferência de Abertura -13/10

Madel T. Luz

Pequenas destruições, danos irreparáveis: comentários aos modos sociais de vida no capitalismo pós moderno e implicações na saúde

(slide 1)

Introdução: panorama da pletera atual de sons, imagens, mensagens

Quis escrever esta conferência como um ensaio sociológico, entre o artigo resultante de pesquisa e a reflexão teórica, elaborado em forma de **texto escrito**, sem imagens, nosso principal fetiche na cultura contemporânea.

Não traria para a exposição os costumeiros *slides* do famoso programa *power point*, tão caro a estudantes, docentes, pesquisadores e gestores da área da saúde, inclusive na sub-área disciplinar das ciências humanas.

Traria para ler um certo número de páginas, como é de hábito entre meus colegas das humanas: filósofos, sociólogos, antropólogos, politólogos etc.

Mas desisti de me fazer apenas **ouvir**, embora *ouvir, no sentido de escutar*, seja atualmente o de que mais necessitamos: ouvir a nós mesmos, em nossas necessidades, ansiedades e frustrações; ouvir o outro, seja o vizinho, o amigo, o amante, o adversário de equipe, o colega de trabalho, a multidão que protesta, enfim ouvir a *nós*, humanos, **no** mundo, ou **do** mundo. Como costumam dizer psicólogos e psicanalistas, *abrir a escuta*.

E percebi que, neste caso, abrir a escuta do outro, a Saúde Coletiva, seria justamente apresentar meu discurso na forma como os agentes desse campo podem mais facilmente apreender e compreender: por imagens.

Para não ser dura nem com um nem com outro sentido: visão ou audição, ao finalmente formatar o conjunto de afirmações, interrogações, dúvidas e perplexidades sobre as implicações de nossos modos atuais de vida na saúde, decidi acolher as duas formas de exposição entremeadas, de modo a que o texto seja melhor apreendido por todos. Mas devo reconhecer, neste estilo de apresentação, a influência do último projeto que coordeno, desde 2011 cadastrado na UFRGS, sobre “imaginário social e retórica das imagens: o papel das revistas de divulgação científica na cultura atual”.

Como modo de exposição optei por não trazer a habitual forma de artigo, com abundantes referências bibliográficas, citações e notas, deixando isto para um momento posterior, pois afinal de contas, na academia, tudo acaba em artigo. Mas mencionarei, ao longo da leitura, algumas fontes de inspiração: clássicos como Marx, Durkheim, e Weber, e “neoclássicos” como Ricoeur, Lacan, Morin, David Riesman, Foucault, Bourdieu, Balman, entre outros, mantendo a intenção de apresentar o texto de modo mais “fenomenológico”, em que alguns exemplos e comentários emergem do cotidiano: meu, de pessoas comuns, e da mídia escrita e virtual.

Para iniciar o conteúdo é melhor esclarecer de saída o que entendo por saúde e por saúde coletiva: minha abordagem, compreensiva faz-se no campo das ciências humanas, para além da epidemiologia social, costumeiramente presente nas abordagens da saúde coletiva. Embora reconhecendo e mencionando em partes do texto a importância desta área disciplinar para a saúde coletiva, minha intenção é ir além da chamada determinação social das doenças de indivíduos, grupos e coletividades.

Desejo interpretar, através da análise compreensiva das ciências sociais, que o modo de viver, ou os modos de vida em sociedades específicas, podem provocar esgarçamentos e rupturas no tecido social, levando, conseqüentemente, à fragilização da vida, à infelicidade coletiva, pela perda de sentidos implicada no processo social, provocando adoecimento e morte. Esta minha preocupação teórica e empírica, data já de quinze anos, tendo repercutido no 3º Congresso de C.S.e H. em Saúde, em Florianópolis

Acentuo aqui que a felicidade e a infelicidade das pessoas não podem se desligar da sociedade em que vivem, e dos tipos de relações nela estabelecidas. A saúde, como a felicidade das pessoas, é socialmente forjada no encontro -ou desencontro- do conjunto humano em que vivemos. Não se trata de idealizações nem de ideologias, mas de **construção social**.

Deste ponto de vista posso afirmar que há sociedades mais saudáveis e outras menos, e que há sociedades francamente insalubres, ou doentes, como a nossa. Não é o PIB de uma sociedade, nem seu IDH, índices institucionais de medida de desenvolvimento sócio econômico capitalista, que nos esclarecem sobre uma coletividade mais feliz, ou mais saudável.

Não me ocorre agora o nome do país oriental que estabeleceu como índice de desenvolvimento de sua sociedade o grau de felicidade da população, mas este é considerado um índice folclórico, até mesmo nulo, pela inviabilidade de sua comprovação, em termos de uma economia tecnocrática quantitativista, como a nossa, que só recentemente, e face a crescentes catástrofes naturais, empenhou-se em analisar o efeito de intervenção das tecnologias na **natureza**, agora intitulada sinteticamente *meio ambiente*.

Desejo assinalar, por outro lado, que as implicações na saúde coletiva, derivadas dos *modos de vida* mencionados, podem ser diretas ou indiretas, e provém de fontes diferenciadas, no que qualifico como agressão à saúde

humana. Citarei, para iniciar, os que atingem com mais dureza os nossos sentidos diretamente ligados ao mundo externo: audição e visão. (SLIDE 2)

A enorme pletora de sons e imagens que nos invadem pelos olhos e ouvidos, quase sem interrupção, tem nos causado, segundo dados das organizações internacionais de saúde e crescentes estudos epidemiológicos, diversos tipos de disfunções, doenças agudas ou crônicas, segundo o grau, a intensidade e o tempo de exposição dos indivíduos às mesmas. (Slide3)

Incluí como exemplos usuais desses agressores um conjunto variável de aparelhos que nos invadem pelos ouvidos, que denominei *tecnoveículos*: os celulares, os MP3, 4, ou 5, assim por diante, até as TVs com seus poderosos home theaters, rádios de automóveis, sons de rua, etc.(Slide4)

Incluí também os aparelhos que nos invadem pela visão, captando- nos a atenção pelo olhar, cativo por horas a fio, seja em interlocuções virtuais, jogos eletrônicos, ou ‘chats’ envolvendo pessoas de todas as idades. Particularmente atingidos são os digitadores em seu trabalho cotidiano, ou pesquisadores e vários outros profissionais, em seu computador.¹ (SLIDE 5)

Todos os aparelhos citados, através de estímulos continuados, são danosos à saúde humana, não apenas no que concerne os sentidos, como também o seu coordenador mental, o cérebro. Mas causam dano principalmente à totalidade do *biosistema* planetário: a vida humana, a animal, a vegetal²

¹ Uma parte considerável de estudos epidemiológicos e qualitativos recentes sobre LER/DORT evidencia a relação entre tempo de digitação e o surgimento desses e demais sintomas ortoesqueléticos ou neuro motores .Outros, propriamente neurológicos, indicam déficit de atenção, déficit cognitivo, perda de memória, etc. em função de horas no computador. Não estamos considerando aqui os danos à visão.

² Tem sido discutido atualmente em reportagens, sites e artigos de divulgação científica, que os males produzidos pelos sons em altos decibéis são danosos não só ao sistema neurológico de seres humanos como de animais domésticos. É possível afirmar que também vegetais submetidos ao regime de ruídos em alto volume, assim como a estímulos visuais fortes e contínuos sejam prejudicadas em seu desenvolvimento, já que experiências com música harmoniosa e em volume controlado provoca nos animais melhor digestão e reprodução da espécie, e nas plantas crescimento harmonioso e expansivo.

O mais importante, entretanto, é seu efeito anti social: os aparelhos costumam ser individuais, intervindo no meio social, provocando, através de afastamento psicofísico entre as pessoas, obstáculos às comunicações, conversas, interlocuções, ou o mero interesse de quem está “plugado”, pelo que se passa ao redor com outros seres humanos, esgarçando o tecido social pelo incentivo ao auto interesse como bom modo de ser e estar no mundo, desconhecendo, e até mesmo hostilizando, o outro.(Exemplo)

Inicia-se aí uma insatisfação coletiva, marcada por estresse constante, embora pouco percebido. Muita impaciência e agressividade são atitudes sociais típicas neste contexto.(exemplo) É uma multidão triste, de fisionomia fechada, que vemos surgir, desfilando pelas ruas. (Slide 6)

Falo aqui, por isso, com alguma insistência, das implicações na saúde coletiva desses e de outros artefatos de intervenção tecnológica cotidiana audiovisual, cuja onipresença em comunicação e informação tem o efeito de isolar-nos, reduzindo-nos à condição de indivíduos conectados com outros indivíduos. São meios tecnológicos que intervêm no nosso existir, de cuja ação não nos damos conta, que atuam, através dos sentidos, na esfera mental, às vezes de modo subliminar, atingindo nossas atitudes, modos de agir como sujeitos, e como pessoas nos grupos. Na verdade, atuam na sociedade como um todo, provocando danos à sociabilidade.

Essas modalidades de intervenção não são neutras: criam sentidos e geram mensagens voltados para a necessidade de consumir, para o contínuo apelo ao consumo, sendo eles próprios objetos de consumo tecnológico, diferenciados por *griffe e preço, por avanço tecnológico, por capacidade de conexão imediata entre indivíduos, grupos ou coletividades em rede.*

Capacidade de conexão não significa necessariamente comunicação neste caso. Isto é, não supera o individualismo, nem o isolamento, consciente ou

não, que o consumir provoca. Na sensação de carência dos indivíduos reduzidos a consumidores origina-se uma ansiedade constante, aplacável somente pela ação do consumo, mas repostada após o ato de consumir.

Nos consumidores individualizados fica negada, no sentido psicanalítico de negação, sua condição de **sujeito**. Só uma *pessoa* pode ser sujeito. E uma pessoa é única e multidimensional ao mesmo tempo, irreduzível a elemento de conjunto simétrico, como átomos reunidos por propriedades idênticas.

O individualismo consumidor busca negar continuamente, através das mensagens de prazer dirigidas ao *ato* de consumir, as outras dimensões da pessoa que consome: apresenta-se, como diria Lacan, como o único e total objeto de gozo, como o **objeto a**, isto é, como *sedução do sujeito no ato*.

Falo aqui, neste sentido, de todo o conjunto de modos de transmissão de **mensagens** visuais, auditivas, até mesmo olfativas ou táteis, como **elemento estratégico** da publicidade na sociedade de mercado em que estamos imersos visando a este efeito de **sedução pelo consumo**. (Slide 7)

Originam continuamente, pela pletora de mensagens conseqüentes a sua incitação ao consumo, efeitos de atitudes e de emoções, de hábitos e de comportamentos, de *estilos de ser humano*, variáveis nos indivíduos, grupos sociais, raças e classes, mas igualmente presentes no todo social. Tornam-se efeitos comuns a todos os grupos e classes, embora os efeitos nada mais gerem do que *egos provisórios*, identidades **etéreas**, indo além, no sentido da volatibilidade, das identidades líquidas de que fala Bauman.

Essas identidades **egos**, ou estilos etéreos de ser, são frutos das modas do aparecer, geralmente anunciadas por ídolos temporários, por seu estatuto de sucesso, as famosas “celebridades” de todas as áreas: política, econômica, cultural, esportiva, etc. Estão longe de constituir sujeitos; ao contrário, tendem a reafirmar o indivíduo consumidor como unidade social

básica importante. Resulta apenas, finalmente, deste complexo engenho social do consumo *mediatizado* pelos aparelhos tecnológicos de imagem e som, para retomar as palavras do genial sociólogo da comunicação dos anos cinquenta passados, David Riesman, uma *multidão solitária*. (Slide8)

2- Pequenas destruições, danos irreparáveis: fissuras na malha, rupturas no tecido social: perdas políticas, éticas, sociais e humanas nas relações capitalistas atuais - consequências para a saúde e a vida.

Começemos por tentar avaliar danos gerados pelas pequenas destruições diárias do vínculo social primário, aquele que se realiza na comunicação física e imediata entre as pessoas. Com que instrumentos de avaliação se poderia medir os danos causados pela contínua afirmação do isolamento em que nos confinam pequenos aparelhos de som e/ou imagem? Até o momento não temos resposta para isso, mas a ação dos danos e a destruição do tecido social podem ser constatadas. A hostilidade latente entre os indivíduos e os grupos é certamente um indício desta destruição (exemplos)

Mas nós, seres humanos, como a maioria das espécies animais, não temos a natureza de viver, como os ursos, ou as onças, isolados em tocas. Somos, desde o início da nossa vida na Terra, seres gregários, ***animais sociais***.

Tendemos, desde fases iniciais de nosso desenvolvimento social, a reunir-nos em bandos, em oposição a outros bandos, a defendermos conjuntamente o abrigo, o alimento, e a cria. Criamos uma linguagem, que nem sempre foi o discurso, aperfeiçoamos nossas armas e utensílios que nos garantiram sobrevivência face a espécies mais fortes, sempre juntos, embora raramente unidos, ao longo da nossa história relativamente curta. A percepção de pertencimento a um todo que produz sua existência, que nos aglutina e qualifica como espécie inteligente, é nossa marca de humanos.

O que pode então acontecer a uma cultura, ou civilização, e a seus membros, quando esta afirma e confirma, direta ou indiretamente, por interesses relativos ao seu modo de produção econômico, que somos um conjunto de átomos isolados que consome, que se distinguem entre si pelo preço ou “exclusividade” entre aspas, do objeto consumido, isto é, pela mercadoria transformada, segundo a expressão do clássico, em *fetich*e, e não formamos um todo coeso de membros que necessitam uns dos outros para sobreviver em harmonia no planeta, ou simplesmente *sobreviver*? O que pode suceder ao tecido social que nos serve de abrigo, suporte e garantia de sobrevivência há milênios? Certamente destruição e dano social

Não por acaso o imaginário literário e cinematográfico está repleto de filmes que apregoam o fim da espécie humana, ou do planeta Terra, ou de ambos, pela contínua ação anti- solidária dos humanos com a vida.(Slide 9)

A espécie humana teceu no seu viver, um fio básico da teia da organização social: a ***solidariedade***. Ela é que nos garantiu a sobrevivência, mesmo em meio às lutas de grupos, etnias, Estados e blocos de nações, como no caso das guerras e revoluções. O apoio mútuo, o socorro aos mais vulneráveis, a percepção de que todos nós poderemos em algum momento estar naquele lugar de sofrimento, e a ação conseqüente, coletiva, grupal ou individual é uma característica que atravessou a história de milênios da humanidade.

O fato de nos distanciarmos deste apoio, de incentivarmos entre nós a desconfiança, o medo do outro, a suspeita de que o próximo é um inimigo disfarçado, potencialmente letal, causa um dano irreparável no tecido social, e na nossa psique! Propagandas e publicidades no comércio, nos bancos e até em instituições públicas procuram incentivar em todos, todo o tempo, medo e desconfiança de quem está ao lado, alegando motivo de segurança. Mas segurança de quem? Do meu ponto de vista trata-se da

segurança das organizações institucionais e das **firmas**. Em outras palavras, da segurança do capital e dos agentes que o controlam. (exemplos)

A segurança das empresas, públicas ou não, e de suas atividades, em qualquer ramo de atividade, tornou-se, no capitalismo atual, superior à vida e ao bem estar das pessoas, sejam eles clientes de serviços, consumidores, empregados, funcionários: enfim, os que garantem a sobrevivência do capital em todos os setores. O sentimento de opressão tornou-se inevitável! A sensação de estar preso numa ratoeira, ou “enjaulado” no sistema é uma vivência comum, e fonte de um conjunto de distúrbios psicoemocionais.

Não se vê saída no mercado de trabalho, quase escravista, dado o nível de exigências a que se submetem os trabalhadores, que são geralmente precários, voláteis mesmo. A ponto de uma parcela crescente de jovens nem querer mais tentar entrar no núcleo do sistema econômico, núcleo este que encolhe continuamente em função de um dos princípios do capitalismo contemporâneo: o de poupar de mão de obra. O automatismo tecnológico característico desta fase da economia dispensa o trabalho humano, o que implica em dispensar o trabalhador, ou aceitá-lo provisoriamente em “*jobs*” descartáveis, destituídos do status social e do prestígio das funções ligadas a direitos históricos conquistados ao longo do século XX. Surge da massa dispersa de trabalhadores o *precariado*. O capital financeiro detém o controle sobre a produção como um todo: o trabalho, a circulação e a distribuição da mercadoria, através do incentivo ao consumo. (slide 10)

Por outro lado, a derrocada de profissões tradicionais, portadoras de uma ética social civilizatória, entre elas as de professor, médico, advogado, comerciante, contador, etc. seja pela passagem de sua execução e controle ao capital financeiro monopolista, seja pelo desprezo dos governos contemporâneos às funções públicas implicadas nessas carreiras: escola, atenção à saúde, segurança, etc. ocasiona a perda de valores nas relações

sociais estatutárias entre profissionais dessas carreiras e os que por elas necessitam ser atendidos, levando a um caos civilizatório, onde não mais se respeitam princípios éticos e políticos há séculos cimentados no solo social. A disputa interna entre os agentes que estão nas funções estáveis do núcleo do sistema tornou-se uma batalha individualista, movida pela competição no trabalho, e *pelo* trabalho, muitas vezes destituída de princípios éticos, e eivadas de práticas de competição que levam a sofrimento, adoecimento e morte entre os colegas, trazendo assim danos irreparáveis a um dos fios básicos da tessitura da rede do tecido social: a solidariedade entre os trabalhadores, e a busca de restauração de direitos de cidadania universais. O jogo do cada um por si a qualquer preço, tão prezado atualmente em certas carreiras, é sem dúvida causador de danos ao tecido social (slide11)

Por outro lado, profissões e carreiras surgiram no interior do Estado, oriundas de atividades não previstas para sê-lo, como a dos políticos eleitos, cuja carreira, se existente, era resultado dos votos populares, que provisoriamente mantinham em seus cargos os eleitos. Talvez um dos danos éticos maiores, senão o principal, causado ao Estado republicano, origina-se da *profissionalização* dos políticos, eleitos para estarem provisoriamente em postos legislativos, ali colocados pelo voto popular. Aqui se pode encontrar uma fonte originária da dissolução dos *partidos* como portadores de propostas político ideológicas de governo. Os políticos profissionalizados são de fato uma grande fonte de despesa para o cidadão.

Toda esta mutação do regime capitalista atual de produção não seria talvez tão preocupante se as instituições pilares do Estado Moderno não tivessem se corrompido. E a principal entre elas talvez seja a ***justiça***. Não me refiro aqui apenas ao poder da República compartilhado com o Executivo e o Legislativo, o Judiciário, tendo por meta controlar os outros dois, sendo controlado pelos mesmos. Refiro-me à dimensão social que está presente

nos três princípios que originaram o estado moderno republicano: *liberdade, igualdade e fraternidade*. Sem a justiça, que decorre diretamente da Ética como dimensão humana, não há esperança de uma sociedade, não digo feliz, mas saudável, passível de uma vida social menos atribulada. É da corrupção da Justiça como dimensão humana decorrente da Ética que falo aqui. O que significa que os poderes do Estado se corrompem, assim como suas instituições, mas também as instituições civis.(slide 12)

Não creio que haja dano maior a uma sociedade que a perda da esperança na justiça, seja ela social, política, jurídica, ou econômica, como vem acontecendo no capitalismo contemporâneo, segundo alguns fruto de crise estrutural. Os cidadãos perdem sua condição de cidadãos de uma Nação, de membros de uma sociedade organizada, tornando-se uma multidão de indivíduos soltos. Mas esta multidão tende a se aglutinar em busca de apoio mútuo, para conseguir o que precisa, seja para festejar, para torcer, para protestar, para manifestar sua raiva contida destruindo, retornando talvez ao nosso patamar inicial de sociabilidade, originado no bando primitivo.

Emerge assim a multidão como sujeito, como novo ator social, divertindo-se, torcendo, protestando, manifestando. Como ator político, entra em cena provocando muito medo e suspeita em nosso sistema. (slides 13, 14, 15)

Sistema que a estigmatiza, ao invés de tentar compreendê-la, maltratando a multidão, sem procurar entender que sua revolta é filha de necessidades profundas não satisfeitas. Reage com violência contra ela, contra cidadãos, muitas vezes, mas rapidamente chama de fascista a violência da multidão. Ou de alguns de seus membros. Nenhum concerto ao tecido social danificado poderá advir daí. Pelo contrário, antigos cacoetes autoritários voltam às faces dominantes. Precisamos, nós que estamos no campo das ciências sociais pensando a vida e a saúde atuais, nos ocupar desses fatos muito preocupantes. (Slides 16, 17) Necessitamos tentar vê-los como uma

questão urgente da *saúde coletiva*, da nossa saúde como cidadãos também, e agir conseqüentemente, em futuro imediato, buscando construir uma sociedade mais justa e mais sadia, certos que no estilo de sociedade atual a saúde a vida humanas estão em perigo. (slide 18)

Mas não apenas a nossa vida, como acentuei no início desta conferência, como a de outras espécies também. Isto é, a vida do Planeta como um todo. Estaremos chegando ao ponto de ter que ceder lugar na Terra a outras espécies, ou a artefatos mecânicos pensantes, como os andróides? (slide 19)